

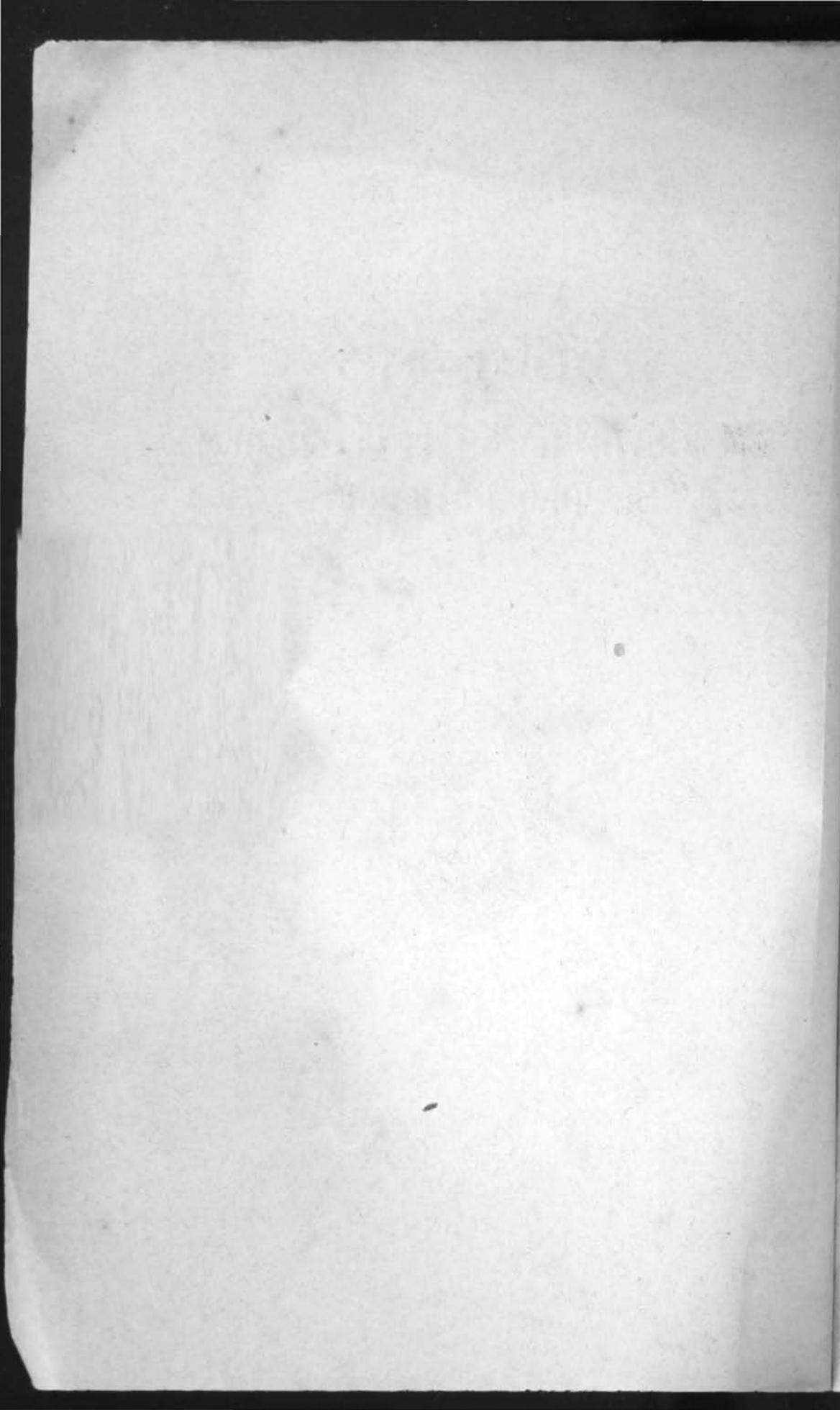
Prof. LUCIANO PEREIRA DA SILVA

O DIÁLOGO
EM LOUVOR DA NOSSA LINGUAGEM
DE JOÃO DE BARROS



Imprensa da Universidade
Coimbra, 1917

Sala	2
Gab.	37
Est.	18
Tab.	47
N.º	



Prof. LUCIANO PEREIRA DA SILVA

O DIÁLOGO

EM LOUVOR DA NOSSA LINGUAGEM
DE JOÃO DE BARROS



Imprensa da Universidade
Coimbra, 1917



As obras pedagógicas de JOÃO DE BARROS, que hoje são uma raridade bibliográfica, estão a pedir nova reimpressão. O *Diálogo*, que adiante se reproduz conforme a 2.^a edição, feita em 1785 pelos monges da Cartucha de Évora (1), da qual existe um exemplar na Biblioteca da Universidade de Coimbra, não havendo lá nenhum da edição princeps de 1540, é principalmente destinada aos alunos da cadeira de História da Pedagogia.

Neste interessante *Diálogo* formula JOÃO DE BARROS excelentes preceitos que bem mostram as suas altas qualidades de pedagogo. Começemos por notar a justa vivacidade com que se insurge contra a praga dos incompetentes em exercício das funções do magistério: «Huã das cousas menos oulháda que á nestes reinos, é consintir e todalas nobres villas e cidadés, qualquer idióta e nã aprovado em costumes de bõ viver, poer escola de insinar mininos. É hu çapateirõ que é o mais baixo officio dos macanicos: não põem tẽda sem ser examinado. E este, todo o mal que faz, é danar a sua pèlle, e não cabedál alheo, e mãos mestres leixam os discipulos danados: pera toda sua vida. Nã sómente com

(1) *Compilação de varias obras do insigne portuguez Joam de Barros*, Lisboa, 1785.

vícios d'alma, de que podéramos dar exemplos: mas ainda no modo de ôs ensinar».

Seguindo o preceito «de gráo em gráo, de pouco a mais», condena a prática de ensinar os meninos a lêr pelos feitos judiciais, escritos por mão de tabeliães. Quere que os ensinem primeiro pela letra redonda, para o que compôs a sua *Cartinha* de aprender a lêr, e não pela letra tirada: «nesta doçura de leite que tẽ a letra redõda os queria primeiro mamêtar, e dhy fossẽ levádos á codea da tiráda que requerẽ força de dente e paciencia de negócios, estes sam os seus preçeitores».

Mas o mais importante é êle querer que a base do ensino seja a língua materna, a língua portuguesa, e não a latina: «E nã te pareça trabalho sobejo entender tâto na própria linguágem; porque se fores bem doutrinádo nellã, levemente ô serás em as alheas». E o filho confirma: «cá se nam soubéra da grãmática portuguesa, o que me vossa merçe insinou, pareceme que em quátro annos soubéra da latina pouco, e della muito menos: mas cõ saber a portuguesa fiquey alumiado em ambas, o que nã fará quem soubér a latina».

Acima, porêm, das considerações pedagógicas, a língua portuguesa é um poderoso instrumento de expansão do Império português: «E o mais çerto sinal que o Romano pôde dar ser Espanha súdita ao seu imperio, não será suas corónicas e escrituras, . . . , mas a sua linguágem que nos ficou em testemunho de sua vitoria. . . . As armas e padrões portugueses postos em Africa e em Asia, e em tantas mil ilhas fóra da repartiçãm das tres partes da terra, materiães sam, e podeãs o tempo gastar: però nã gastará doutrina, costumes, linguágem, que os portugueses nestas terras leixárem».

Já FERNÃO D'OLIVEIRA, autor da primeira Gramática portuguesa (1536), aconselhava: «e nam trabalhemos em língua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas

q̄ a possamos ensinar a muytas outras gentes e sempre seremos dellas louvados e amados porq̄ a semelhança he causa do amor e mays em as linguas» (1).

As qualidades que distinguem a nossa língua são, segundo BARROS, magestade para coisas graves e eficácia varonil para exprimir grandes feitos: «Esta prerrogativa tē sobre todas as linguagēes presentes: magestade para cousas graves, e huã eficácia baroila que representa grandes feitos». Os portugueses tinham pois já a língua própria para cantar as suas glórias, esperando apenas a — fúria grande e sonora — de Camões.

Da conferência feita na Academia Brasileira do Rio de Janeiro, a respeito de GONÇALVES DIAS, pelo grande poeta e brilhante conferente, o sr. OLAVO BILAC, destacamos este belo trecho que bem parece uma carinhosa resposta ao velho mestre da língua:

«Não encontrareis no poeta excellente de *Palinodia* e de *Marabá*, no auctor de *Beatriz*, de *Leonor de Mendonça* e de *Boabdil* esse desmazelo e desrespeito. Em suas mãos, a língua portugueza, ganhando um risonho brilho novo, nada perdeu da antiga solidéz e da antiga majestade. A velha mãe sagrada remochou aos beijos do filho mais moço» (2).

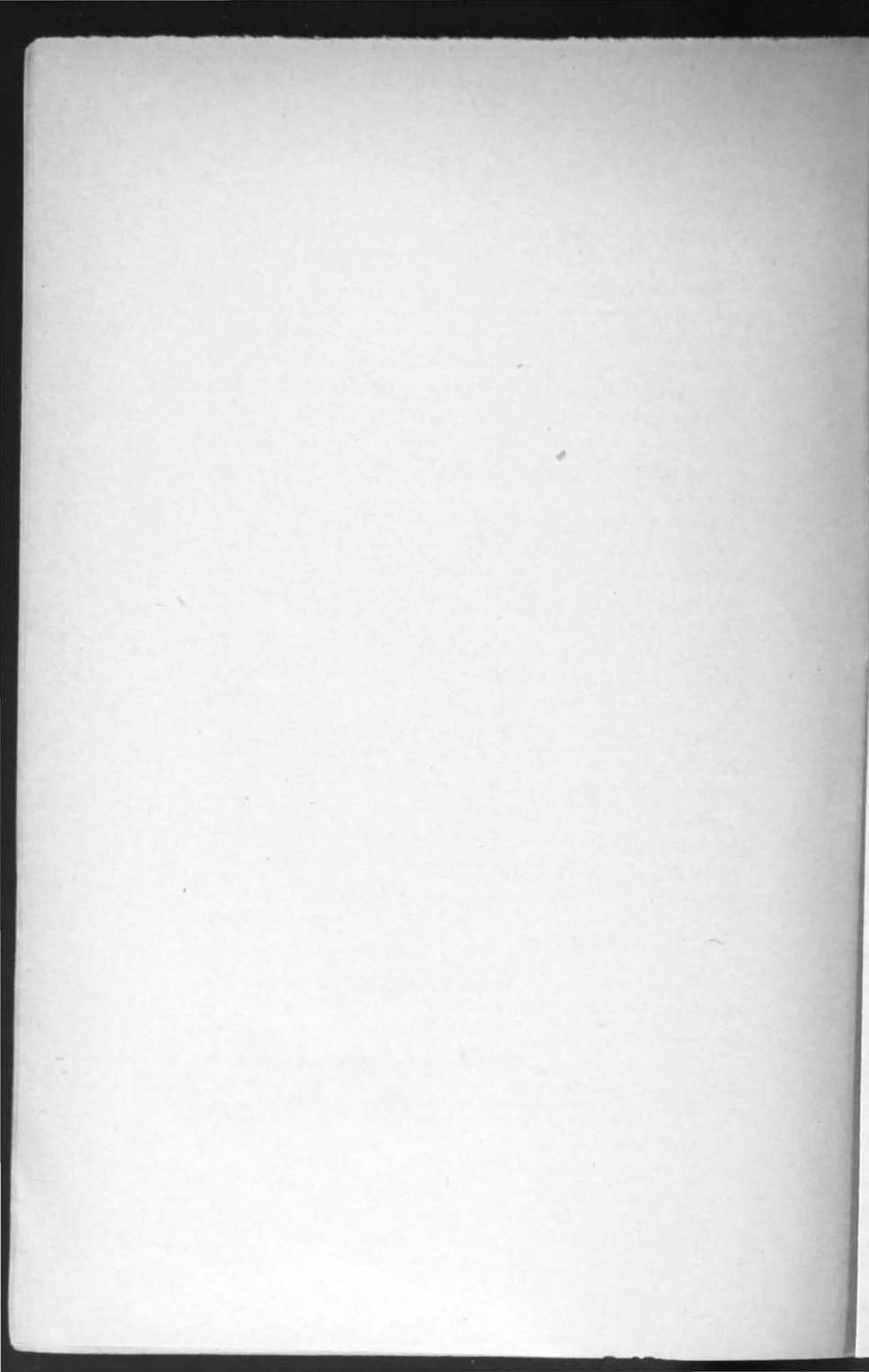
Assim o louvôr da nossa linguagem, em que João de BARROS se comprazia no século XVI, tão gratamente se continúa pela bôca dos mais illustres filhos do Brazil, como num segundo Portugal.

Coimbra, Março de 1917.

LUCIANO PEREIRA DA SILVA.

(1) *Grammatica de linguagem portugueza* por FERNÃO D'OLIVEIRA, 2.^a edição, cetera forma de 1536, Porto, 1871, pag. 16.

(2) OLAVO BILAC, *Conferencias literarias*, Rio de Janeiro, 1912, pag. 16.



DIALOGO

EM LOUVOR DA NOSSA LINGUAGEM

Filho. Senhor, sábe iá esta nóua ?

Pay. Quál ?

F. Que o príncipe nosso senhor começou ontem da-
prender a ler.

P. E quem ô ensina ?

F. O pregador delrey frey Ioam Soáres. E lógo per-
guntey per que o principiáua: por cáusa do trabalho que
leou em a composicám da grammática da nóssa linguagem
que lhe tem derigida.

P. Que impórta o meu trabálho ao príncipe nóso se-
nhor começar daprêder, pois tem preçeitior de uida e leteras
que lhe ordenará os principios, confórmes á sua idade e
magestade do seu sangue. Nem por eu ter dirigido a sual-
teza o trabálho que dizes, deuo esperâr, mais que por me
fazer merce ô mandâr examinâr: e sendo tâes que póssã
aproueitâr aos minimos, mandarà que se leam em as es-
chólas. E a estes preceitos gramnfaticães e dialogo da
uiciósa uergonha, que tu e eu o outro dia composémos:
quiséra aiuntâr outros dous, hũ da uiciósa uerdade, e outro
destas duas paláuras, Sy, Nam, por serem matérias conue-
nientes a tres idades do hómẽ. Però pois a ordẽ da uida
que tenho me nã deu mais tempo que pera o primeiro: em
quanto os outros nã uém, sejam recompensádos com louuár-
mos a nóssa linguagem que temos pósta em árte, com que
léue mais ornato que as régras grãmaticães. E porque

açerca de qual foy a primeira linguagem do mundo em eschollas anda grande questã: & *adhuc sub iudice lis est*, (1) primeiro que tratemos da nõssa, quéro repetir esta questam do fundamento, pois nella està todo nõsso edificio. Antre os filósofos ouue grandes e diuêrsas opinioes açerca da criaçã do hómẽ: porque hũus quisêram que nã teuêsse principio e fosse ab etérno como o mundo, e outros que assy o mundo como elle teuêra principio. Però em o módo de prouar esta criaçã confundiram e destruíram a uerdade: donde dêram materia aos poetas pera fabularem quantas composturas e fiçoês uemos como conta Ouidio, que Promotheu formou o hómẽ da tãrra (2).

F. O outro dia, nos leo nõsso mêtstre essa fabula do Methamorphoseos. E mais adiante està outra transformaçã quando depois do diluuiio Deucalion e Pyrra repararam a perda do gênero humano: Deucalion, lançando as pédras por detras das côstas, de que se gêrauam os hómẽes, e das que Pyrra lançãua se gêrauam molhéres: mas nã diz aly Ouidio a linguagẽ que entã os hómẽes falãuam.

P. Se ella fora a latina, como tu presumias, bẽm se gloriãra Ouidio disso, e fizêra transformaçã de linguaggẽes de hũas em outras, como fez dos côrpos em diuêrsas fórmas. Assy conta Justino, que os Egíçios tiuêrã gram contenda com os Cythas sobre a antiguidade de seu nascimento (3): dando cada naçãam destas, razões por parte da tãrra que habitãuam, ser muy confôrme pera a criaçãam e multiplicaçãam dos hómẽes. E uẽm a concluir, que os Cythas foram tidos por mais antigos no mundo: mas nã diz que linguagem foy a que primeiro tiuêram. Vitruuiio na sua architeichtura quér dãr principio dôde os hómẽes tomaram o uso da fala (4).

(1) Horatius in arte poetica.

(2) Ouid. 1, lib. Metamorph.

(3) Justi, II, ij.

(4) Vitruuius libro prim.

Dizendo que do consórcio que tinhã huũs com outros, quando se aquentauam ao fogo que nouamente se achãra (segundo elle conta:) uiéram ter necesidade da fala, pera se entenderem antre sy, e que esta necesidade ôs moueo a isso, e porem nã diz que linguágem foy esta. Heredoto quiz affirmar qual fora esta linguágem, contando aquella esperiencia que Persam mietico rey de Egipto fez em dous meninos que mândou criar ás tetas de duas cábras: emcomendendo ao pastor a que deu este cuidado, que em nenhuã maneira falasse ante elles, pera uer a que linguágem os inclinãua a natureza. Os quães passados dous annos de sua idade disseram contra o pastor com as mãos leuantãdas á maneira de quem roga, esta palãura, Becus, que em lingua frigea quér dizer, pam; donde tiuéram opiniam do que a lingua frigea fora a primeira mundo (1). Tu leixãdas todas estas opinioes da gentildade, chegãte á uerdade da nõssa fé, que estes nã tiuéram: donde se causou esta, e outras contendas de mayóres errores: dos quães nos deos liure, e leixe seguir o uerdadeiro caminho ã que estamos. Filho, Eu esse queria tomãr se ô soubér.

P. Aias tu a bençã de deos e a minha, e quanto em my for trabalharey nisso: e te poerey neste que nos demonstrou a escritura. Os Hebreos por serẽ os primeiros a quem deos quis communicãr a criaçã do mundo, affirmam que a lingua do nõsso primeiro pádre Adam foy Hebrã: aquella em que Mousés escreueo os liuros da ley. Os gregos, quèrem que seia a Caldea, porque nesta linguágẽ confessou Habram a deos: e dizem que a lingua Hebrã, nã é mais que Caldeu corumpido. Quãl destas seia a uerdade: ã contenda de tã graues barões, a nós nam é licito affirmãr.

F. Quãl serã logo o uerdadeiro caminho que deuo seguir?

(1) Herodotus, libro. ij.

P. Eu té quy reçitey o que os escritores antigos senti-ram, agóra direy o que nos móstra o espirito: porque nã auemos de negár ao intendimento a especulaçã da uerdade, pois nisto consiste toda a deleitaçãm delle, principálmente nas cousas que máis estã em opiniã, que em fé. E disto tomarás o que mais quadrár em teu intendimento: leuando por guia as autoridãdes da sagrada escritura. (Segundo nos ella demóstra) depois que deos criou Adam, que foy o primeiro hómẽ, e ô pos naquelle lugár deleitoso: apresentoulhe todas as cousas que pera elle criãra, as quaes Adã conheceo e às chamou per seu nome que lhe entam nõuamente pos (1).

F. E às que nõs agóra temos, e Adam nã uio, como lhe podia elle poer nome?

P. Eu nã digo que pos o nome àquellas que os hómẽes inuentarã pera suas necesidãdes e deleitações: mas às que foram criãdas no principio do mundo, e ficarã entrêgues á natureza, pera que às multiplicasse em suas espécias, pera o uso e seruiço dos hómẽes. E se Adã uio essoutras que dizes, seria quando mereceo uer ã espirito a ãcarnaçãm do filho de deos, em cuja fé e esperança se elle saluou. Estas táes cousas, posto que as Adã uisse em reuelaçã (como digo): nã lhe pos elle o nome que agóra tem.

F. Pois quem Senhor?

P. Aquelles que às primeiro inuentarã: porque mal poeria Adam nome ã não, pois nunca nauegãra, nem ã bom-bãrda, fenã auia de quẽ se defender, nem ao libello, senam tinha quẽ demandãr. E todas estas e outras muitas cousas, podes crer que a necessidade, cobiça, e malicia dos hómẽes trouxerã consigo. Porem de crer é, que ao tempo da edificaçã de Babilonia (2), em que a linguãgem era toda huã: aueria muitas cousas inuentãdas pera o uso daquelle

(1) Gen. ii. ca.

(2) Gen. xi. ca.

edifício, e doutras necessidades, ás quães possérã elles nome, e às naturáes pos Adam.

F. Das setenta e duas linguagêes em que dizem toda aquella gente se repartir polo peçado daquelle edificação: a que pouo ficou a que Adam falãua ?

P. Algũs autores católicos tẽ que ficou a Heber: donde dizem que os hebreos tomárã o nome. E per autoridade destes, fica cláro, que a lingua hebréa, foy a que Adam teue: mas o que o espirito nos insina, parece que ficou a todos aquelles setenta e dous pouos. Porque cousa razoada e de crer é, que como todos érá filhos de Adam segundo a carne, que assy herdássem a linguágẽ: mas foy desta maneira, herdáram as uózes, e o seu peçado lhe trocou os sinificádos. Quéro dizer, que quando deos naquella soberba obra confundio a linguágẽ, nã foy inuentarensẽ em hũ instante setenta e hu uocábulos diferentes em uóz, que todos sinificássem esta cousa, pédra: mas confundio o intendimento a todos pera por este nome, hómẽ, huus entêderem pédra, outros as diferentes cousas que se naquella edificaçãm tratãuam. E este termo, confusam, nenhuã outra cousa quẽr dizer senã tomár huã cousa por outra. E assy ficãram todos com toda a linguagem em uocábulos, e com pãrte dos sinificádos próprios. E a este modo trastracou deos o intendimento de tantas naçoẽs como foram presentes ao Sermam de Pedro no dia do Penthecostes (1): que em hum uocabulo Hebreu, que éra sua natural linguagem, os ouuintes de diuêrsas naçoẽs, entendessem hu finificãdo, e estas éram as desuairadas linguas de que se elles espantãuam. Onde pôdes entender, que a linguagem primeira de Adam oie estã no mundo, em esta naçãm dez uocábulos, nestoutra uinte, e assy estã repartida, que todos â tem em uóz mas nã em hu só finificãdo. E ainda se pôde crer, que estas uózes

(1) Act. ii. cap.

com antiguidade ia deuem ser corrompidas: como uemos em muitos uocabulos gregos, hebraicos, e latinos, que foram as tres linguagêes, a que podemos chamár princesas do mundo; porque esta autoridáde lhe deu o titolo da cruz onde foram póstas. Estas porque perderã ia a uez do uso, e tem sómente a páрте da escritura, leixalas emos por outras tres que fázem ao propósito da nóssa: as quães ao presente todalas outras precédem, por tomarem destas primeiras páрте de seus uocabulos, principalmente da latina, que foy a derradeira que teue a monarchia, cuios filhos nós fomos. Huã destas é a Italiana, outra a francesa, e outra a espanhól.

F. Qual destas á por melhor, e mais elegante?

P. A que se mais confórma com a latina, assi em uocabulos como na orthografia. E nesta páрте muita uantáiem tem a italiana e espanhól, á francesa: e destas duas a que se escreúe como se fála, e que menos consoantes léua perdidas. E nesta orthografia a espanhól uence a italiana: e mais tem antre sy os genoeses que nã é térra da tramontãna, nem transalpina (como elles dizem) mas hũa parte da frol de italia, os quães de bárbara nã pôdem escreuer sua linguagê, e o que escreuem é em toscano, ou em latim coruto.

F. Pois muitos dizem que a lingua espanhól é desfalecida de uocabulos: e que quanta uantágê tem a italiana á castelhana, tâto excede esta á portuguesa, e que ã seu respeito se pôde chámar elegante.

P. Certo e que a limpa castelhana muito melhor é, que o uasconso de Biscaya, e o cecear cigano de Seuilha: as quães nã se pôdem escreuer. Mas quẽ houér de iulgar estas linguagêes: á de saber dambas tanto, que entenda os defeitos e perfeições de cada huã. Que se pôde deseiar na lingua portuguesa que ella tenha? conformidáde com a latina? nestes uérsos feitos em louuor da nóssa pátria, se pôde uer quanta tem, porque assy sam portugueses que os

entende o portuguez, e tã latinos que os nã estranharã quẽ soubér a lingua latina.

O quam diuinos acquiris terra triumphos:
 Tam fortes animos alta de forte creando.
 De numero sancto gentes tu firma reseruas.
 Per longos annos, uiuas tu terra beata.
 Contra non sanctos te armas furiosa paganos.
 Viuas perpetuo, gentes mactando ferôces
 Qué Aethiopas. Turcos, fortes Indos das saluos:
 De Iesu Christo sanctos mostrando prophetas.

F. Parece que uay essa linguagẽ hu pouco retorcida, e fora do commu uso que falámos?

P. O autor que fez estes uérsos, por guardár a cantidade das syllabas, e a órdem dos pées, nã falou como em óraçã soluta: e ia deues ser auisádo per doutrina de teu méstre, que de huã maneira fãlam os poétas, e doutra os oradores.

F. Hum dos primeiros latiis que me elle mandou fazer, foy este, O fermosa maria nóua ára com tua uáca nóua. E eu cuidáua que em isto ser linguagem, nã podia ser latim: té que palmatoreádas mo fezérã entêder.

P. A hi começarás tu de sentir o louuór da nóssa linguágem; que sendo nóssa a entenderá o latino porque é sua. Esta perrogatiua tẽ sobre todalas linguágẽes presentes: magestáde pera cousas gráues, e huã eficácia baroil que representa grandes feitos. E o sinál onde se isto mais cláro ue, é, na musica, que naturalmente acerca de cada naçãm, ségue o módo da fála: linguágẽ gráue, musica gráue, e sentida.

F. Da hy uiria logo o prouérbio que dizem, Espanhóes chóram, Italianos huyuam, Franceses cantam.

P. Bém adecáste o prouérbio: e ainda que nã seia pera a linguágem, uerdadeiramente assy ô podes ter na musica. Porque a prolaçãm e ár que temos da linguágẽ diferente das

outras nações, temos no modo do cantár, ca muy estranha compostura é a Francesa, e Italiana á Espanhól, e as guinadas, e diminuição que fázē ao cantár, fazem na prolaçam e accento da fála. E pera hũ Frances formár hũ seu próprio ditongo, faz nos beiços esguáres que pode amedrontár mininos: cousa de que hũ natural orador fôge, e por nã cair neste perigo, rodea setenta uocábulos. Cérto assy a Francesa, como a Italiana, mais parecem fála pera molhéres, que graue pera hómēes: em tanto que se Catã fora uiuo, me parece se peiára de a pronunciar. Nesta grauidáde (como já disse) a Portuguesa léua a todas, e tem ē sy huã pureza e sequidám pera cousas baixas, que se lhe pôde poer a tácha que Pérseo (1) punha aos uérsos de Vergilio: os quáes dizia serē tam de souero e cubértos de cásca, que se nã podiam abrandár. Però cõ aquella maiestáde e alteza, falou no quártro de sua Aeneida tã alta e mimósamente do amor, que lhe nã chegarã as guarrediças de Ouidio, e as doçuras de Petrárcha, que nestes brincos muito se esmarará. Foy o Vergilio naquelle seu liuro, como nestes nóssos tempos o Queguem em a cõpostura da musica: todalas excéllentes consonancias achou, despois Jusquim e outros compoedores que uiéram, sobre ellas fizérã sua diminuição e contraponto. A linguágem Portuguesa, que tenha esta grauidáde nã pérde a força pera declarár, mouer, deleitár, e exortár a pártē a que se inclina: seia em quálquér género de escritura. Verdáde é ser em sy tã honésta e cásta: que parece nã consintir em sy hũa tál obra como celestina. E Gil Vicente cómico que a mais tratou em composturas que alguã pessoa destes reynos, nunca se atreueo a introduzir hu Centurio Portugues; porque como ô nã cõsente a naçám, assy o nam sófre a linguágem. Certo, a quem nã falecer matéria, e engenho pera demonstrár sua tençám, em nóssa linguágem, nã lhe falecerã

(1) Saty. prima.

uocábulos. Porque de crer é que se Aristoteles fora nósso natural, nã fora buscár linguágem emprestáda pera escreuer na filosofia e em todalas outras matérias de que tratou. E se lhe falecera algum termo socinto, fizéram o que uemos em muitas pártes aos presentes. Os quaes quando carecem de termos theologaes, os theólogos pera intêdimento real da cousa ôs compuserã, e assy os filósofos, mathematicos, iuristas, médicos: todos antre sy trazem termos que nã sam latinos nẽ gregos, mas cásy. hũ uascõço de ártes em que os hómẽes gastã tantos annos.

F. A lingua Portuguesa, onde desfalecer com uérbo ou nome que cõprêda em bréue alguã cousa, poderá formár algũ uérbo apraziuel á orelha, sem falár per rodeo como essoutros fázem?

P. Sy. porque a licença que Horácio (1) em a sua arte poética dá aos latinos pera compoerem uocábulos nõuos, com tanto que sáyam da fonte grega: essa poderemos tomar, se ôs deriuármos da latina.

F. Lógo per essa maneira nós faremos copiõsos de uocábulos, e recebidos em uso ficárnos-ã tã próprios como sã os latinos que ora temos, que se tomárã per esse módo.

P. Eu nã fálo em latinos de que Espanha tẽ tomádo posse antiguamente: mas agóra em nõssos tempos cõ ajuda da empresãm, deuse tanto a gente castelhana e Italiana e Francesa ás treladações latinas usurpando uocábulos, que os fez mais elegantes do que fóram óra á cincoenta annos. Este exercicio se ô nós usáramos, ia tiuéramos conquistáda a lingua latina como temos Africa e Asia: á conquista das quaes nos mais démos que às treladações latinas. E o sinal desta uerdade, é que nã sómente temos uitoria destas pártes, mas ainda tomamos muitos uocábulos: como podemos uer em todos os que comécã em, ál, e em, xá, e os que acabam

(1) Horatius in arte poetica.

ẽ, z, os quaes sã mouriscos. E agóra da conquista de Asia, tomamos, chatinár, por mercadeiár, Beniága, por mercado-ria, Lascarim, por homẽ de guérria, çumbáya, por mesura e cortesia: e outros uocábulos que sã ia tã naturaes na bóca dos homẽes, que naquellas pártes andáram, como o seu próprio portugues. Assy que podemos usár dalgũus termos latinos que a orelha bẽm receba, porque ella julga a linguágẽ e musica e é censor dambas: e como os cósintir hũ dia ficarã perpetuamente.

F. Poderã todos os que sãbẽ latim tomár esta licença, pera deriuár uocábulos delle a nós?

P. Nam sam todos para isso liçenciádos: e os que ô forẽ, será em algũus uocábulos, que a natureza da nõssa linguágẽ açeite. Porque (a meu iuizo) tã mal parece hũ uocábulo latino máal deriuádo a nós: como alguãs paláuras que achamos per escrituras antigas, as quães o tempo leixou esquecer. A my muito me contentam os termos que se conformam com o latim, dádo que seiam antigos: ca destes nos deuemos muito prezár, quando nã achármos serem tã corutos, que este labéo lhe fáça perder sua autoridáde. Nã sómente os que achamos per escrituras antigas, mas muitos que se usam antre Douro e Minho, conseruador da semente portuguesa: os quães algũus indoutos desprezam, por nam saberem a raiz donde nãcẽ.

F. O outro dia em huã liçãm que nos leo nõsso mẽstre, trouxe esta autoridáde de Tullio: Nas paláuras nam á cousa tam áspera que o uso nã fáça brando, e suaue.

P. Casy a este propósito ô tráz Tullio. E uerdadeiramente á primeira uista, nã á cousa mais grãue antre os bõos Iuizos, que a uariaçãm de tantos traios como os óra usamos: os quães se preguntares donde uiéram, ou cuios fóram, nã lhe acharás mais çerta natureza que a opiniam. Pois as cãtigas cõpóstas do pouo, sem cabeça, sem pées, sem nome, ou uérbo que se entẽda, quẽ cuidas que às tráz

e léua da térra? quem ás fáz serem tratádas e recebidas do comũ consintimento? O tempo. Pois este fáz as cousas tâ naturáes como a própria natureza. Este nos deu a elegancia latina: este nos trouxe a barbaria dos godos, este nos deu, xa, e cha, dos mouriscos, e este nos póde fazer ricos e póbres de uocábulos, segundo o uso e pratica que tiuérmos das cousas. E nã te pareça trabalho sobeio entender tâto na própria linguágem; porque se fores bém doutrinádo nellá, léuemente ô serás em as alheas. Este é o módo que tiuéram todolos gregos, e latinos: tomárã por fundamento saber primeiro o seu que o alheo. Quéro dizer, que Tullio, César, Liuió, e todolos outros a que chamamos fonte da eloquência, nũca aprenderã lingua latina, como a grega: porque éra sua natural linguágẽ, tam comũ ao pouo Romano, como uemos que a nõssa é ao pouo de Lisboa, mas soubéram a grãmática della. Esta lhe insinou que cousa éra nome, e quantas calidádes e figuras tinha, os tempos, e módos do uérbo, e totalas pártes que régem, e sã regidas: com os mais açidentes e régras que a lingua latina tem. Destas cousas foram os latinos tâ curiosos, por apurár a sua lingua, e â iguárẽ á grega (donde elles tomaram parte da sua eloquência): que se escreúe compoer César hũ tratádo da analogia da lingua latina, e Messála a cada letra do A, b, c, fez hũ liuro que trata della e Várro outro da Ethimologia, de que ao presente temos alguã páрте. Cárlo mãno a imitaçãm destes, também compos a lingua alemãa em árte, e lhe deu nome nouo aos meses e aos uentos. Estes e outros tâ gráues e doutos barões, em cuja mã e arbitrio estaua o estádo e regimento do mundo, assy ouuéram este exerciçio por glorioso; que na força de suas conquistas e ármãs aly ô exercitáuã. E açerca delles, mais se estimãua a uitoria que a sua lingua tinha, e ser recibida de totalas bárbaras naçoẽs, que de ás someter ao jugo do seu império. E neste cuidádo forã tâ solícitos, que andando

antre os Pártos e outros tã bárbaros pouos: nã consentiam que falássem, senam a sua lingua latina, por demonstrár o império que tinhã sobre todalas outras nações. E o mais certo sinál que o Romano póde dár ser Espanha sudita ao seu império, nã serã suas corónicas e escrituras, cá estas, muitas uezes sã fauoráuees ao senhor de quẽ falam: mas a sua linguágem que nos ficou em testemunho de sua uitoria. E quanto antre as cousas materiães, é de mayor exçellença aquella que máis dura: tanto açerca das cousas da honrra sã de mayor glória as que a memória mais retem. Exemplo temos em todalas monarchias, cá se perderam cõ a uariadade do tempo, e fortuna das cousas humanas: però leixou a lingua latina este sinál de seu império, que durará eternálmente. As armas e padrões portuguezes póstos em Africa e em Asia, e em tantas mil ilhas fóra da repartiçãm das tres partes da tẽrra, materiães sam, e podeãs o tempo gastár: però nã gastará doutrina, costumes, linguágem, que os portuguezes nestas tẽrras leixárem.

F. Nã sey lógico qual será o portuguez de tã errádo iuizo, pois é certo que mais póde durar hũ bom costume e uocabulo, que hũ padrã: porque senã preza mais leixár na India este nome, mercadoria, que trazer de lá, beniága, cá é sinál de ser uençedor e nam uençido.

P. Certo é que nã á hi glória que se póssa comparár, a quãdo os mininos Ethiopas, Persianos, indos daquẽ e dalẽ do Gange, em suas próprias tẽrras, na força de seus tẽplos e pagódes, onde nunca se ouiuo o nome romano: per esta nõssa arte aprenderem a nõssa linguágem, com que póssam ser doutrinádados em os preceitos da nõssa fé, que nella uãm escritos.

F. Pois quanto ao proueito dos próprios portuguezes, eu, e o que for espermentádo õ póde iulgár: cá senam soubẽra da grãmática portuguesa, o que me uõssa merçe insinou, pareceme que em quãtro annos soubẽra da latina pouco, e

della muito menos: mas cõ saber a portuguesa fiquey alumiado em ambas, o que nã fará quem soubér a latina.

P. Eu quéro confirmár essa tua uerdade: com testemunho do que iá uy em alguãs escólas da grammática latina. Por os méstres nã sabérem as régras da nõssa lhe éra tam difficultoso achár as matérias da latina, que tinham cartipácios de latiis em linguágem por onde õs dauã aos moços: como fracos prégadores sermonários pera todo o anno.

F. Nã se poderia insinar esta grãmatica portuguesa aos meninos na escóla de ler e escreuer, pois é tam léue de tomár, e da hy iriam iá grammáticos pera a latina.

P. Nem todolos que ensinam ler e escreuer, nã sã pera o officio que tem, quãto mais entédella, por crãra que seia. E ainda que isto nã seia pera ty, dilloëy pera quem me ouuir, como hómẽ zeloso do bem comũ. Huã das cousas menos oulhãda que á nestes reinos, é consintir e todalas nõbres uillas e cidãdes, qualquér idióta e nã aprouãdo em costumes de bõ uiuer, poer escóla de insinar mininos. E hũ çapateiro que é o mais baixo officio dos macanicos: nã põem tẽda sem ser examinãdo. E este, todo o mál que fãz, é danár a sua pèlle, e nã o cabedál alheo, e mãos méstres leixam os discipulos danãdos: pera toda sua uida. Nã somente com uicios dálma, de que podéramos dár exemplos: mas ainda no módo de õs ensinar. Porque auendo de ser per huã cartinha que ahy á de letera redonda, perque os mininos léuemente saberã ler, e assy os preçeitos da nõssa fé, que nella estam escritos: conuertem õs a estas doutrinas morães de bõos costumes: sãibam quãtos esta cártã de uenda: E despois desto aos tãtos dias de tal mes: E perguntãdo pelo costume disse nichil. De maneira que quando hũ moço say da eschola, nã fica cõ nichil, mas pôde fazer melhor huã demãda, que hum sollicitador dellas, porque mãma estas doutrinas cathólicas no leite da primeira idãde. E o que piór é, que per letera tirãda andã hũ anno aprendendo por

hũ feito: porque a cada folha, comêça nouamente conhecer a differença da letera que causou o apáro da pena com que o escriuám fez outro termo iudiciál.

F. Pois os méstres de ler e escrever dizem que a letera tirada ensina a redonda, e a redonda nã a tiráda, e os moços se fázem mais desenuoltos per ella.

P. Quem ouuér de iulgár o que lhe é mais proueitoso ueia primeiro o que ensina Quintiliano e sam Ierónimo em huã epistola a Leta sobre a instituiçám de sua filha, e o pápa Pio em hũ tratádo que fez a Ladisláo rey de Boémia, e assy outros tã gráues barões que teuéram ciencia, e esperiencia. Porque achará que os preceitos que dérã á religiã escolástica, nã sam tã asperos como os da régra dos frádes menóres: os quaes é o primeiro anno de nouiciádo tratam os nouiços cõ toda aspereza, pera os experimentar de paciencia. As plantas nouas pera prender com uiua raiz, nã quéré logo o férro ao pé: depois que sam duras, e bẽ éramádas, entam lhe conuém o podã, pera ás desafogár. Nã se amãsam e trazê ao iugo os nouilhos como os touros: nẽ assi recêbe o freo o podtro como o cauálo, huus quéré mimmo e outros estímolo, mais póde o artificio que a força, a continuaçã branda e mimósa que o impeto áspero. E quando pera as cousas iracionaes isto se requére, que tai deue ser o arteficio, pera plantár doutrina áspera em naturezas tenrras, como é o entendimento dos mininos.

F. Parece que nã pode ser melhór arteficio do que se usa é as eschólas cõ elles: cá ôs principiam per, a, b, c, que é conhecimento das leteras, e dhí os métem em as aiuntár huas com as outras de que se compõe as syllabas, ba, be &c. depois ôs léuã aos nomes que se compoem dellas, e per derradeiro á uariaçám de totalas outras pártes, porque assy de gráo em gráo, de pouco a máis, aprendem a ler.

P. Como em o módo de proceder de letera a syllaba e de syllaba a nome, tem essa ordem: assy queria que â te-

uéssem em o género da escritura e caracteres della. Porque como o intendimento se deleita em as pártes confórmes que guárdam proporçám semimmetria e figura, e nesta tal térra a memória prende cõ mais uiua raiz: nesta doçura de leite que tê a letera redõda os queria primeiro mamētar, e dhy fossē leuãdos á codea da tirãda que requérē força de dente e paciencia de negócios, estes sam os seus preçeitores. As audiencias e nã as eschólas fizéram todolos iuristas déstros em o ler dos feitos: e os oficiães publicos (cuia profissam é papél e tinta) porque â nam teuéram de letera redonda, nã sãbem rezàr huã oraçã per ella, e pela tirãda sam mais cor-rētes que hu cégo na óraçám da êparedãda. Assy que desta esperiêcia pódes enferir, ler, a eschóla ô ensina, desonuol-tura os negócios â dam, letera redonda se aprende, e a tirãda sem méstre se alcança. Quê quisér filhos, que lhe nã sãyam das eschólas desesperãdos de poder ir auante, per os bar-rancos que tem o caminho da letera tirãda, per a redonda ôs mande primeiro caminhãr, ca esta cõ pouco trabalho, e muito proueito, e em menos têpo se alcança, e ficã per ella abiles pera mayóres doutrinas.

F. Nã aueria remédio pera os méstres seguirē com os dicipulos esse caminho?

P. Nã està em mais o remédio que uir a noticia delrey nósso senhor: porque como é zelador dos bõos costumes, e fauorece as letras tam liberal e manificamente, mandará prouer nisso como ô tem feito em os estudos de Coimbra, a qual óbra serã pósta no cathàlogo das merçes que estes reinos delle tem reçebidas: muy celebrãda dos presentes, e louuãda dos que uiérem depois de nós.

